

“O RECADO DO MORRO”¹ E A GEOGRAFIA DE MINAS GERAIS²

“O recado do Morro” and the geography of Minas Gerais

Carlos Magno Ribeiro³

RESUMO

Este artigo é uma tentativa de descrever o cenário natural do espaço geográfico onde se desenrola a trama do conto de Guimarães Rosa, “O recado do Morro”. Ele aborda três paisagens notáveis descritas ao longo da viagem de um “naturalista”, como tantos que percorreram realmente Minas Gerais no século XIX: o relevo cárstico das proximidades de Cordisburgo, pequena cidade mineira; um morro solitário – o da Garça –, no centro geográfico do Estado; as extensas superfícies planas seccionadas por amplas depressões, revestidas, outrora, de cerrados, veredas e buritis, hoje, em grande parte, de *Eucaliptus*, *Pinus*, soja, no extenso noroeste mineiro. Essas paisagens, fielmente descritas por Rosa em linguagem literária, são reapresentadas em um meio-termo, entre o senso comum e o científico. Para encerrar, apresenta-se uma sugestão de roteiro para aqueles que desejam fazer o percurso do conto e, assim, associar geografia de Minas e literatura, e vice-versa.

Palavras-chave: Gerais; Veredas; Morro da Garça; Carste; Paisagem; Literatura brasileira.

1. João Guimarães Rosa, **No Urubuquaquá, no Pinhém**, 7. ed., 1984. Todas as referências ao conto têm como base essa edição. Talvez seja oportuno lembrar que esse livro, **No Urubuquaquá, no Pinhém**, juntamente com **Manuelzão e Miguilim** e **Noites do sertão**, constituíam um único grande volume, **O corpo de baile**, na sua primeira edição, de 1956.

2. Muito contribuiu para a realização deste artigo com idéias e material bibliográfico o geógrafo Roberto Candido de Souza. Ele, inclusive, participou, com a família, do trabalho de campo realizado em 29 e 30 de julho de 2006. Todas as fotos são de autoria de Vitor de Carvalho Leite.

3. Mestre, professor da PUC Minas, coordenador do curso de Geografia com ênfase em Geoprocessamento, e-mail: geocent@pucminas.br

O conto “O recado do Morro” narra as aventuras de um Pedro Orósio, vulgo Pê-Boi, também Pedrão Chãmergo, geralista, enxadeiro, namorador, forte como um touro, capaz “[...] de estalar a quatro em cruz os ossos da cabeça de um marruás [...]” (ROSA, 1984, p. 11). É a história de uma viagem pela região cárstica, “com belezas, maravilhal” (ROSA, 1984, p. 12), até o sertão. Os muitos personagens dessa história são: o padre, frei estrangeiro; o alemão, que de tudo tomava nota, tirava retratos; o fazendeiro, três pessoas graúdas; os dois camaradas, o guia, Pedro Orósio, e o tropeiro, Ivo; e, ainda, os companheiros de Pê-Boi, nem tão amigos (porque tinham suas namoradas roubadas por ele); o cantador e violeiro Laudelim Pulgapé; os *diferentes*: Gorgulho, de nome Malaquias, o que falava com o Morro, o Catraz, irmão de Malaquias, o Guegué, abobado, agregado de uma das fazendas do caminho; o coletor; e, finalmente, o Santos Óleos ou Jubileu, ou ainda *em nominedomine*, profeta que anunciava o fim do mundo. Outros elementos (personagens?) do conto são o Morro da Garça, as paisagens de Cordisburgo com suas serras, os gerais com suas veredas, o céu, o vento, o cerrado, a fauna.

Terminada a viagem, na volta, já no arraial, o momento da festa de Nossa Senhora do Rosário, com o moçambique, o congado, enfim, uma típica festa mineira, e depois o desfecho, a grande aventura, a traição dos amigos que tramaram a morte de Pê-Boi, à semelhança da Cantiga de Laudelim.

Pretende-se com essa contribuição proporcionar uma análise geográfica do cenário físico onde se desenrola o conto de Guimarães Rosa. Uma obra, talvez, a mais explicitamente geográfica entre todas do autor. O objetivo é o de ajudar o leitor e apreciador da literatura roseana a compreender melhor o ambiente que não só envolve mas interfere na narrativa. Deseja-se aumentar a já valiosa participação da obra literária de Guimarães Rosa no conhecimento da geografia de Minas, e vice-versa. Por último, ainda que modestamente, contribuir para o conhecimento das paisagens mineiras, submetidas a transformações drásticas pelo homem, muitas vezes, irreversíveis. Os cerrados, as veredas, muitos afloramentos de calcário e formas cársticas estão em ritmo acelerado de destruição. É evidente que a riqueza e a beleza da descrição paisagística feita pelo autor não podem ser exploradas na sua plenitude em um único artigo como este.

A metodologia empregada para a elaboração deste documento teve início com a leitura e a releitura do texto de Guimarães Rosa. Após isso, partiu-se para o levantamento de uma bibliografia mínima que pudesse permitir aos interessados o aprofundamento dos tópicos abordados. As citações restringem-se a textos mais abrangentes, alguns de fácil obtenção, outros nem tanto. Na falta de documentos escritos, como é o caso da descrição do Morro da Garça, foram utilizados documentos cartográficos. Não houve a intenção de um levantamento mais exaustivo, em razão da natureza do trabalho. Uma viagem rápida, nos dias 29 e 30 de julho de 2006, possibilitou a elaboração da sugestão do roteiro, mais um contato com a paisagem e o registro fotográfico.

A divisão do artigo em três partes deve-se à classificação da paisagem nas três unidades mais importantes da obra: o cárstico e a região de Cordisburgo, o Morro da Garça e os gerais.

A paisagem cárstica

Já no início do conto, Rosa (1984, p. 12-13) descreve uma paisagem como só ele e outros poucos poderiam fazê-lo, paisagem que os geomorfólogos chamam de cárstica. Nenhum aspecto, nenhuma forma, maior ou menor, nem as cores, os sons e os processos genéticos da carstificação foram esquecidos. Até mesmo as pinturas rupestres são lembradas. "Nos rochedos, os bugres rabiscaram movidas figuras e letras, e sus se foram" (ROSA, 1984, p. 13). O conhecimento da linguagem técnica se revela na escolha dos termos "proto", "espéleo", "páleo", entre outros, usados quando ele trata da fauna extinta, cujos fósseis foram encontrados nas grutas da região circunvizinha de Cordisburgo.⁴ O texto é tão abrangente, tão fiel, e, ao mesmo tempo, tão rico em detalhes, que é difícil destacar trechos para ilustrar esta análise. Serão citados apenas alguns para comprovar o que se acaba de afirmar, como este: "Tudo calcário. E elas se roem, não raro, em formas – que nem pontes, torres, colunas, alpendres, chaminés, guaritas, grades, campanários, parados animais, destroços de estátuas ou vultos de criaturas" (ROSA, 1984, p. 12).

A bacia sedimentar do rio São Francisco, em parte coincidente com a bacia hidrográfica de mesmo nome, encerra inúmeras áreas com afloramentos de calcário. Essas rochas sedimentares muito antigas formaram-se no Proterozóico Superior, em ambiente marinho. As regiões de Lagoa Santa, Sete Lagoas, Cordisburgo, Arcos-Pains (esta última, no centro-oeste do Estado de Minas Gerais), Peruvaçu (extremo norte mineiro) e outras, inclusive na Bahia, são paisagens cársticas de características tropicais.

4. Outra demonstração do conhecimento de Guimarães Rosa é a palavra "grava" (p. 71), erudita, do francês *grave*, *gravel*, em inglês, que designa uma areia grossa, entre areia e cascalho.

São muitos os textos técnicos que podem ser lidos por aqueles que gostariam de conhecer mais sobre um tema que vem sendo abordado inter e transdisciplinarmente – sobretudo pela espeleologia. São geólogos, geógrafos, biólogos, ecólogos, paleontólogos, arqueólogos, turismólogos e outros os que se interessam por essa disciplina. Um desses textos é “Geomorfologia cárstica” (KOHLENER, 2001). Segundo esse autor, cerca de 10% da superfície da Terra é constituída de relevos cársticos. “Seus edifícios runíformes, com paredões enrugados e corroídos pelo tempo, arcadas suspensas abrindo-se em cavernas subterrâneas e os abrigos com seus sumidouros frente a lagoas de águas cristalinas sempre atraíram o homem desde os seus primórdios” (KOHLENER, 2001, p. 309).

Os especialistas classificam as formas desse relevo em dois grupos: exocarste e endocarste. O primeiro são as formas do relevo superficial, tais como sulcos horizontais e verticais – os lapiás; depressões fechadas (com ou sem água, naquele caso constituindo lagoas) – as dolinas, uvalas e poliés; maciços, vales cegos, “[...] um ribeirão de repente vem, desenrodilhado, ou o fiúme de um riachinho, e dá com o emparedamento, então cava um buraco e por ele se soverte, desaparecendo [...]” (ROSA, 1984, p. 13), torres, verrugas, cânions, uma grande diversidade de modelos e tamanhos. O endocarste são as formas subterrâneas, as cavernas com os seus espeleotemas: estalactites, estalagmites, véus, cascatas, cortinas, formas que lembram animais e objetos vários. Há, ainda, quem proponha um terceiro grupo intermediário, o epicarste, formado no contato da rocha com o solo. A rica terminologia dessa paisagem relacionada a suas formas, pouco usada aqui, tem origem, em sua maioria, no servo-croata (KOHLENER, 2001, p. 310), a começar pela palavra carste.

A gênese e a evolução desse relevo tão peculiar dependem da existência de rochas com boas características de solubilidade na água. A presença conjunta do calcário, da água rica em CO_2 dissolvido, de ácidos e bactérias, segundo Kohler (2001, p. 318), é fundamental na dinâmica da morfologia cárstica, vale dizer, na carstificação. O teor de carbonato de cálcio (CaCO_3) da rocha calcária, a sua estrutura (estratificação e a existência de fraturas), o volume de água e a temperatura são os principais fatores na elaboração de formas que chegam ao bizarro. O calcário não é permeável, mas suas fraturas verticais e horizontais facilitam a penetração da água e, conseqüentemente, a dissolução das rochas. As raízes fortes dos vegetais que crescem nas fendas também contribuem para esse processo: “[...] as gameleiras manejando como alavancas suas sapopemas, rachando e estalando o que acham [...]” (ROSA, 1984, p. 14).

Além desses processos químicos, há os físicos, entre os quais se destacam os abatimentos de tetos de grutas e de blocos rochosos, também lembrados por Rosa

(1984, p. 21), "[...] o desabar profundo de camadas calcárias [...]".

A erosão química e a física são complementadas pela deposição de material dissolvido e transportado pelas águas.

A drenagem fluvial e a subterrânea são outros elementos a serem considerados nessa paisagem. Um curso de água, subaéreo, no fundo de um vale cego, de repente, desaparece (em um sumidouro), passa a correr subterraneamente, pode mudar de nível e caminho, na dependência de fatores estruturais e reaparecer a alguma distância (ressurgência). Nesse caminho oculto, "suterrão", ele elabora grutas e cavernas, nas quais, posteriormente, formam-se os espeleotemas.

Nos maciços e afloramentos de calcário, uma mata de porte médio, de árvores esguias, perde quase totalmente as folhas no inverno e, por isso, é denominada mata seca. É uma modalidade das florestas tropicais caducifólias ou semicaducifólias, ou ainda, florestas estacionais decíduais. Embora em áreas do domínio do cerrado, elas estão intimamente relacionadas a condições edáficas específicas.

Sua fisionomia é caracterizada por um estrato arbóreo aberto: as árvores guardam certo distanciamento entre si e raramente ultrapassam os 20 metros de altura. Sob o estrato arbóreo, há um sub-bosque arbóreo-arbustivo e um herbáceo pobre e rarefeito, descontínuo, por causa dos afloramentos rochosos. São inúmeras as espécies arborescentes: angicos, aroeira (que fornece madeira duríssima), cedros, paineiras barrigudas, as indefectíveis gameleiras com suas raízes possantes e longas que penetram nas fendas das rochas ou aderem firmemente aos paredões. No solo, encontram-se muitas bromeliáceas, como o gravatá, algumas delas epífitas, orquídeas, cactáceas. No afloramento da Gruta da Lapinha (Lagoa Santa/MG), Rodrigues (2007) encontrou e estudou a distribuição de dois cactos: *Cereus calcirupicola* e *Opuntia brasiliensis*, prováveis remanescentes da flora da caatinga, mais expandida no último período glacial, na concepção da Teoria dos Refúgios (RODRIGUES, 2007, p. 61).

O solo que mantém essa flora, embora fértil, é descontínuo, restrito às fendas e concavidades, pouco espesso e submetido a forte ressecamento no final da estiagem. Por tudo isso, essa vegetação lembra a caatinga arbórea (FIG. 1).

A drenagem superficial canaliza para as grutas sedimentos e restos animais que encontram aí condições favoráveis para a fossilização – é o que ocorreu nas regiões cársticas sanfranciscanas. Além da preservação de fósseis de uma fauna extinta, as grutas serviram de abrigo para o homem primitivo. Daí a razão da sua importância para paleontólogos, arqueólogos, geocientistas, interessados em desvendar as mudanças ambientais do passado mais recente, do Quaternário, objeto de pesquisa de interesse crescente, pois elas fornecem bases científicas para previsões de mudanças futuras, sobretudo as climáticas.



FIGURA 1 – Mata seca sobre calcário. Gruta do Maquiné (Cordisburgo, MG). À esquerda, uma paineira, barriguda. As árvores ainda estão com folhas. Autoria: Vitor de Carvalho Leite

Essa paisagem tão peculiar foi objeto de interesse de dois cientistas, a quem muito devem as ciências no Brasil: Lund, mais conhecido e mais aclamado, o pai da paleontologia brasileira e Warming, dinamarquês como Lund, estudioso da ecologia da região e cujo livro **Lagoa Santa**, traduzido para o português, é referência pelo pioneirismo e pela contribuição à ecologia vegetal. Como não relacioná-los com o Sr. Olquiste/Alquiste?

O Morro da Garça

“Lá – estava o Morro da Garça: solitário, escaleno e escuro, feito uma pirâmide. [...] E que foi que o Morro disse, seu Malaquias, que mal pergunte?” (ROSA, 1984, p. 21).

Quem viaja pela rodovia BR 135, no trecho Belo Horizonte – Montes Claros, durante longo percurso, vê, como na FIG. 2, a oeste ou a noroeste, exatamente como descreveu Rosa, dominando, como imponente pirâmide, uma paisagem plana, diferente daquela de Cordisburgo, o Morro da Garça. “E, indo eles pelo caminho, duradamente se avistava o Morro da Garça, sobressaindo. [...] dias e dias, caceteava enxergar aquele Morro: que sempre dava ar de estar num mesmo lugar, sem se aluir [...]” (ROSA, 1984, p. 31). Ele fica no município de mesmo nome, a sudoeste da sede municipal, a poucos quilômetros de distância.



FIGURA 2 – Morro da Garça, visto da rodovia BR 135. Mun. Morro da Garça (Minas Gerais).
Autoria: Vitor de Carvalho Leite

Trata-se de um morro de topo aplainado com altitude de cerca de 920 metros,⁵ elaborado por processo erosivo areolar, com o predomínio de escoamento hídrico subsuperficial ou superficial e cuja preservação deve-se à sua posição mais afastada dos principais cursos de água regionais.⁶ Ele destaca-se, solitário, por elevar-se acima de duas superfícies: uma ondulada em depressão e outra tabular aplainada, com altitudes entre 580 e 680 metros.⁷ Na região, como se observa na mesma carta topográfica e nos mapas geológico (IGA, 1978)⁸ e geomorfológico (IGA, 1977), vêem-se outras elevações semelhantes, as Serras do Boiadeiro e do Mariquita.

O Morro é constituído de siltitos feldspáticos, arcósios, da Formação Três Marias, do subgrupo Paraopeba, do Proterozóico Superior, sedimentos portanto muito antigos (IGA, 1978).

A grande área deprimida da bacia do rio São Francisco, submetida à sedimentação e, posteriormente, a intenso processo de desnudação por escoamento

5. IBGE (Rio de Janeiro, RJ). **Folha da Carta**. Morro da Garça. Rio de Janeiro, 1969. Escala 1:100.000.

6. Informação pessoal da Professora Dirce Ribeiro de Melo, Instituto de Geociências da UFMG.

7. INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADAS – IGA (Belo Horizonte, MG). **Mapa Geomorfológico**. Folha de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 1977. Escala 1:500.000.

8. INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADAS – IGA (Belo Horizonte, MG). **Mapa Geológico**. Folha de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 1978. Escala 1:500.000.

de água subsuperficial e superficial, é caracterizada por formas residuais, tabulares, testemunhas de extensas superfícies planas, entre as quais sobressaem os mais elevados chapadões sedimentares revestidos de sedimentos mais recentes, do Mesozóico e do Terciário, com altitudes que chegam aos 900 metros – os gerais. O Morro da Garça e seus vizinhos mencionados anteriormente, embora constituídos de rochas mais antigas, são também formas residuais, menos extensas, verdadeiros morros isolados. É interessante observar que nessa elevação são visíveis, nos seus flancos, rupturas que denunciam as suas diversas camadas rochosas superpostas, de resistência erosiva diferenciada (FIG. 3).



FIGURA 3 – Morro da Garça visto de sua proximidade. Vêem-se as ombreiras, quebras em perfil das vertentes. Mun. Morro da Garça (Minas Gerais). Autoria: Vitor de Carvalho Leite

O Morro da Garça, por ser apenas um ponto no amplo espaço do centro norte mineiro e por carência de fontes bibliográficas não terá, neste ensaio, maior aprofundamento.

Os gerais

A paisagem sertaneja dos gerais é apresentada ao leitor por meio das reminiscências de Pedro Orósio. Os viajantes, pelo que se percebe da leitura do conto, atravessaram apenas parcialmente as amplas superfícies elevadas e planas do noroeste mineiro.

A expressão *gerais* ou seus correlatos, campos, sertão, já foram usados como sinônimos ou assemelhados em vários momentos e ambientes. Saint-Hilaire usou campos em seu "Quadro da vegetação primitiva da província de Minas Gerais".⁹ Nessa admirável síntese, ele considera a cadeia do Espinhaço como o limite natural que divide o Estado de Minas Gerais em duas partes desiguais em dimensões, e diferentes entre si. A Ocidental, a oeste do Espinhaço, menos montanhosa em que "colinas ou mesmo simples ondulações substituem as montanhas e o terreno vai se abaixando pouco a pouco até o Rio São Francisco" (SAINT-HILAIRE, 1949, p. 1.279). Ao descrever essa grande porção ocidental, depois de destacar algumas das suas áreas montanhosas, Serra da Canastra, da Marcela (Saudade?), dos Cristais, afirma que "ela é, em geral, talvez excessivamente uniforme para levar o nome de serra" (SAINT-HILAIRE, 1949, p. 1.279).

A vegetação também é diferente. Se a porção oriental, a leste do Espinhaço, é a das florestas, a ocidental é a dos campos. Estes se apresentam ora herbáceos ou herbáceo-arbustivos, ora exibem árvores tortuosas e enfezadas – os tabuleiros cobertos, diferentes dos primeiros, os tabuleiros descobertos (SAINT-HILAIRE, 1949, p. 1.280). É provável que Saint-Hilaire tenha ouvido esses termos dos mineiros, assim como o termo "chapada", indiscutivelmente, equivalente aos "gerais" de Rosa. Nem mesmo a existência das matas nos vales, mais úmidos, e nas ravinas – os capões, hoje denominados matas galerias ou de encostas, foram esquecidos pelo naturalista (p. 1.281). Em **O léxico de Guimarães Rosa**, elaborado por Martins (2001), a palavra "gerais" foi apresentada como "campos do Planalto Central; lugares desertos e intransitáveis no sertão do Nordeste; campos cobertos de erva ou grama; campos extensos e desabitados" (MARTINS, 2001, p. 248).

A descrição de Saint-Hilaire condiz perfeitamente com o que foi, com muita propriedade, chamado pelo geógrafo brasileiro Ab'Saber¹⁰ "domínio dos chapadões recobertos por cerrados e penetrados por florestas galerias". É uma grande unidade paisagística, ou melhor, uma família de paisagens, submetida a processos geomorfológicos, pedológicos, biológicos e climáticos, pelo menos os atuais, tipicamente tropicais. Abrange uma área imensa que equivale a quase 25% do território

9. Este artigo, publicado na França em 1831 e traduzido para a língua portuguesa pelo geógrafo Orlando Valverde, foi divulgado pelo **Boletim Geográfico do Rio de Janeiro**, ano VI, n. 71, p. 1.277-1.291, de fevereiro de 1949. Trata-se de uma notável síntese da paisagem mineira feita pelo naturalista francês que percorreu o Estado entre 1816 e 1822.

10. São os artigos publicados pelo geógrafo sobre a compartimentação do espaço brasileiro em grandes unidades – os domínios morfoclimatobotânicos. É uma abordagem interessante para aqueles que desejam uma visão panorâmica da Geografia Física do Brasil. A publicação mais recente: Aziz Ab'Saber, **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**, 2003, retoma, do mesmo autor, entre outros, "A organização natural das paisagens inter e subtropicais brasileiras", 1971.

brasileiro e se estende do oeste mineiro e baiano até o entorno do Pantanal Mato-grossense, do extremo norte paulista, ao sul, até o Piauí e Maranhão, ao norte.

Antes de passar a uma breve caracterização das chapadas ou gerais, cabe lembrar e recomendar a leitura de outro grande paisagista brasileiro, Afonso Arinos, que registrou, pelo menos em dois momentos, descrições literárias dessa paisagem: “Assombramento” e “Desamparados” (ARINOS, 1981).¹¹

As chapadas, chapadões, tabuleiros, com grande frequência chamados de serras pelos moradores dos vales e veredas próximos (como é o caso de Pedro Orósio e de Miguilim, este do livro de Guimarães Rosa, **Manuelzão e Miguilim**) são planaltos de superfície aplainada, superfície estrutural, delimitada por fortes rupturas. Quando a camada superficial é mais resistente, forma-se uma borda saliente.

Normalmente, essa superfície elevada é circundada por fortes declividades. Em muitos casos, são relevos sedimentares recobertos por sedimentos arenosos, coloridos, do Cretáceo. A descrição de Guimarães Rosa, explicitada nas lembranças de Pedro Orósio, é fiel: “Do chapadão – de onde tudo se enxerga. Do chapadão, com desprumo de duras ladeiras repentinas, onde a areia se cimenta [...]” (ROSA, 1984, p. 71). “[...] chapadão chato, de vista descoberta [...]” (ROSA, 1984, p. 15); “[...] o chapadão de chão vermelho, desregal, o frondoso cerrado escuro feito um mar de árvores, e os brilhos risonhos na grava da areia [...]” (ROSA, 1984, p. 32-33) (ver FIG. 4).

Para evitar erros de simplificações, há que se referir à existência de chapadas sobre rochas não sedimentares, quartzíticas ou cristalinas, como o Espinhaço, o Planalto de Brasília, a Serra da Canastra. Assim, esse grande domínio, observado no seu conjunto, constitui, segundo Ab’Saber (2003, p. 122), uma extensa superfície homogênea massiva, de planaltos sedimentares ou de estruturas mais complexas nivelados por aplainamentos, com altitudes médias de 600 a 1.000m, “um mar de chapadões” com cerrados interpenetrados por florestas galerias opondo-se a um “mar de morros” originalmente florestados (AB’SABER, 2003, p. 122). É claro que, afirma o autor, esse quadro sofre modificações significativas quando observado em escalas de maior detalhamento. Neste nível, a geologia (constituição litológica, processos, estrutura), a geomorfologia, as condições ambientais do passado, inclusive de um passado recente, inscreveram no panorama macrorregional, diferenças significativas de solo, de vegetação, de formas superficiais, enfim, de paisagens.

Ainda segundo Ab’Saber, há três grandes unidades geomorfológico-estruturais neste amplo domínio: o setor norte do grande Planalto da bacia do Paraná,

11. Esse autor deixou, além de outras, duas obras literárias de grande interesse para os amantes da literatura regionalista: **Pelo sertão** e **O jagunço**. O primeiro, da Editora Itatiaia, e o segundo, Editora Philobiblion.



FIGURA 4 – Vereda de topo, no Chapadão dos Gerais (Buritizeiro, Minas Gerais) e o cerrado.
Autoria: Vitor de Carvalho Leite

com suas camadas sedimentares e basálticas, formando as cuestas (relevo de forma assimétrica, resultante de camadas geológicas ligeiramente inclinadas, de vertentes íngremes, de um lado, e um dorso suavemente inclinado, do outro), cujas altitudes variam de 300 a 1.000m; planaltos mais elevados, de rochas antigas em camadas dobradas na área central de Goiás; planaltos de estruturas sedimentares horizontais de cobertura cretácea do Mesozóico no noroeste de Minas – os legítimos gerais – e oeste da Bahia. Entre esses planaltos mais elevados, separando-os, estão as grandes depressões interplanálticas. Ressalte-se, aqui, que mesmo as nossas serras da Canastra e do Espinhaço são superfícies submetidas a longo processo de aplainamento, mas cujas altitudes ultrapassam às dos planaltos *stricto sensu*.

As extensas superfícies aplainadas são revestidas pelos cerrados em suas múltiplas fisionomias: cerradão, cerrado, campo cerrado, manchas de matas (florestas tropicais). Grandes ilhas de matas, algumas de extensão significativa existiram, dando nomes a regiões do Brasil Central: Mata da Corda, Mato Grosso de Goiás, Dourados. Nas depressões, nas margens dos cursos de água principais, desenvolveu-se a mata ciliar, de largura maior ou menor, prolongamento para o interior, com alterações fisionômicas, estruturais e florísticas (empobrecimento de formas e da flora) das florestas costeiras (RIZZINI, 1963). Essas matas galeria ou ciliares que,

para evitar polêmica inútil, podem ser chamadas justafluviais, muitas vezes, galgam as ravinas, as nascentes e as encostas e criam um contraste interessante com os campos cerrados, cerrados e campos de altitude, vizinhos muito próximos. E, nos vales e nos topos das chapadas, em suaves depressões, encontram-se as veredas.

Nos cimos da extensa Serra da Canastra, no Planalto Goiano, assim como no Espinhaço, o cerrado cede espaço aos campos de altitude e aos campos rupestres, com suas feições predominantemente herbáceo-graminosas, às vezes arbustivas (sobretudo os rupestres), com sua elevada diversidade florística e grande número de espécies endêmicas.

A bibliografia geográfica sobre a vegetação brasileira, com uma abordagem panorâmica, é vasta. Poder-se-ia citar Rizzini (1963 e 1997), Romariz (1974), Ferri (1980) e uma vasta produção do IBGE. Sobre os cerrados, a riqueza documental é enorme. Há sínteses, revisões bibliográficas, documentos fotográficos de grande beleza, autores especializados e obras conceituadas, como as de Ferri (1971).

Esses imensos espaços estão associados aos climas tropicais *lato sensu*, de úmido a subúmido, com chuvas concentradas no verão, mas que começam a cair no final da primavera e se estendem até o início do outono. É freqüente que mais de três quartos dos totais anuais de chuva caiam entre outubro e março. São quatro a seis meses de déficit hídrico, pelo menos no solo superficial. Os totais médios anuais de chuva são superiores a 1.000mm e podem alcançar 1.800mm em alguns pontos isolados.

As temperaturas médias anuais são superiores a 20°C, mas não ultrapassam os 26°C. Os meses mais frios têm médias superiores a 18°C, exceto no extremo sul, mais pelo efeito da altitude do que da latitude. É o clima Aw, da classificação de Köppen.

Sol e calor não faltam nesses amplos horizontes. A nebulosidade é, geralmente, fraca. As horas de insolação no inverno são elevadas, mais do que nos dias mais longos do verão. Entretanto, a bruma seca e a fumaça das queimadas atenuam a luminosidade e tornam a paisagem cinzenta. Os nevoeiros úmidos, por outro lado, são comuns nas mais altas superfícies. Se a umidade relativa do ar é alta nos meses chuvosos, ela diminui bastante no inverno. Os valores diários mínimos absolutos chegam quase a índices de deserto, de 20%, 30% ou menos, em agosto e setembro.

Mesmo ressentindo-se, as árvores e arbustos do cerrado não sofrem deficiência hídrica e não perdem muitas folhas na estação seca, pois o desenvolvimento do seu sistema radicular atinge horizontes mais profundos dos solos espessos, onde há água disponível no auge das secas. O estrato herbáceo-graminoso, contudo, de raízes curtas, seca-se e torna-se matéria inflamável que alimenta queimadas anuais

sucessivas. Muitas plantas arbustivas e herbáceas desenvolvem órgãos subterrâneos que brotam assim que chegam as chuvas, ou até mesmo antes. As matas justafluviais e as veredas conservam-se verdes o ano todo.

O resultado da conjunção da elevada pluviosidade, embora concentrada, das chapadas arenosas e planas que favorecem a infiltração da água em detrimento do escoamento superficial, (até essa característica é mencionada no texto: “e na chapada a chuva sumia, bebida, como por encanto, não deixava um lenço de lama, não enxurrava meio rego” (ROSA, 1984, p. 72), das camadas de rochas menos permeáveis intercaladas a mais permeáveis, são os lençóis subterrâneos que alimentam cursos de água perenes e depressões úmidas, até mesmo nas superfícies elevadas – as veredas. O Planalto Central é, sabidamente, pela sua posição geográfica, pelas altitudes, estrutura, litologia e clima, um grande dispersor de água. Ele dá origem a inúmeros grandes rios das bacias do São Francisco (Paracatu, Urucuia, Carinhanha), do Paraná (Paranaíba, Verde), do Tocantins e Araguaia, afluentes do Paraguai, da margem direita do Amazonas. E as veredas são, entre muitas outras, nascentes de córregos que alimentam rios formadores das grandes bacias hidrográficas brasileiras.

Em poucas linhas, está esboçado o quadro descritivo do imenso domínio dos cerrados, no interior do qual encontram-se os gerais, as veredas, os pés de serras, tão caros ao autor e tão presentes na sua obra.

Não é conveniente encerrar este tópico sem levantar a questão premente da acelerada degradação dos cerrados e das veredas, pelas queimadas, reflorestamentos, monoculturas e, no caso das veredas, pelo assoreamento, abertura de estradas, construção de pequenas barragens para captação de água, comprometendo nascentes, a flora e a fauna. Dissertações e teses, artigos científicos e jornalísticos têm discutido, comprovado e denunciado, as impressionantes alterações ambientais e seus impactos imediatos nas veredas (BOAVENTURA, 1988; MELO, 1992; MOREIRA, 2005).

As veredas

“E o coração e corô de tudo, o real daquela terra, eram as veredas vivendo em verde com o muito espelho de suas águas, para os passarinhos, mil – e o buritizal, re-alegre sempre em festa, o belo-belo dos buritis em tanto, a contra-sol” (ROSA, 1984, p. 72). E ainda, “veredas de atoleiro terrível, com de lado a lado o enfile dos buritis, que nem plantados drede por maior mão [...]” (ROSA, 1984, p. 33). Esse ecossistema mereceu do outro paisagista uma descrição primorosa: “Pelas fraldas dos morros, cingindo-os, bordando os vales em cujo fundo se espreguiçavam pauis sonolentos, o buritizal erguia suas verdes frondes, tão lavadas pelas chuvas e tão brilhantes, que se afiguravam majestoso gorjal de pedras preciosas finas” (ARINOS, 1981, p. 65).

Além das matas galerias, sendo uma variação delas, as veredas constituem um sistema particular no domínio dos cerrados. Elas têm um significado geomorfológico, pedológico, hidrológico, florístico e faunístico próprio. Significado geomorfológico, porque são depressões suaves, vales pouco encaixados a quebrar a horizontalidade das superfícies aplainadas, quando se formam nos topos. Significado hidrológico e hidrográfico, porque as veredas delatam a existência de água na superfície ou na subsuperfície, criam um habitat diferente e possibilitam a dessedentação da fauna. São brejos ou filetes de água corrente que dão origem a cursos de água, portanto, nascentes de rios. No alto das chapadas, é a única água disponível para a fauna e para o viajante. Significado florístico, porque abrigam uma flora própria, distinta daquela dos cerrados e cerradões vizinhos, e são caracterizadas, muitas vezes, pela dominância e majestade dos buritis – *Mauritia vinifera*, Mart, que formam alinhamentos ou conjuntos ao longo do eixo de drenagem (FIG. 5). No entorno da vegetação arbóreo-arbustiva, em solos mais arenosos, formando anfiteatros nas cabeceiras ou extensos campos nas bordas, sobressaem formações herbáceo-graminosas. Estas, segundo Ab’Saber (2003, p. 38), Melo (1992, p. 14) e Moreira, (2005, p. 102), são verdadeiros corredores naturais para a fauna dos cerrados e para o próprio homem (tropeiros, viajantes) – daí derivaria seu nome, veredas.



FIGURA 5 – No horizonte, a extensa superfície plana do Chapadão dos Gerais. Autoria: Vitor de Carvalho Leite

Os solos são arenosos ou argilosos e mais próximos ao eixo da drenagem, ricos em matéria orgânica e encharcados, de cor cinza a cinza-escuro – solos hidromórficos ou mesmo turfa.

Boaventura, em estudo pioneiro, reformulado e reapresentado em 1988, classificou as veredas, conforme suas características evolutivas e morfológicas, em três tipos fundamentais: veredas de encostas, com presença ou não de buriti – ocorrem nas bordas das chapadas quando os declives são pouco acentuados; veredas de superfícies aplainadas, no topo, em solos turfosos nas partes encharcadas e arenosos ou siltosos nas áreas menos úmidas; veredas de várzea, nas depressões interplanálticas, típicas das planícies de inundação (BOAVENTURA, 1988).

A vereda depende de fatores físicos, tais como superfícies aplainadas, camada superficial permeável sobre outra impermeável e drenagem para o exterior (drenagem exorréica). As veredas são dotadas de dinamismo particular. Assim que a drenagem evolui, elas são substituídas por matas galerias. Se o vale onde elas se instalam vai sendo assoreado por processos naturais, as condições de solo alteram-se e o buriti vai se rarefazendo. Segundo Moreira (2005, p. 103), Brandão *et al.* estabeleceram etapas evolutivas desse ecossistema. A caracterização dos solos, os aspectos morfológicos e evolutivos dessa unidade paisagística foram objeto de uma dissertação de mestrado (MELO, 1992) e de uma alentada tese de doutorado, em andamento, da mesma autora. Esta última focaliza os impactos da ação do homem em veredas do município de Buritizeiro (MG).

A diversidade de habitats e de espécies vegetais asseguram a sobrevivência de uma fauna de espécies endêmicas muitas delas ameaçadas de extinção. As veredas proporcionam, também, suporte para animais não exclusivos, ou que pelo menos durante parte do seu ciclo biológico utilizam-nas, sobretudo, para a dessedentação (MOREIRA, 2005, p. 104).

Não se pode esquecer a importância cultural e econômica do buriti. Ele está entre as palmáceas brasileiras incorporadas à vida das populações regionais, tanto quanto o babaçu, a carnaúba, o açaí, o palmito. O buriti fornece: do seu fruto, de grande beleza ornamental pela sua casca escamada e envernizada, doce, sucos, vinhos, óleos; das folhas, material para cobertura de casas, fabricação de cordas e outros produtos artesanais; do estipe, madeira para construções rústicas. Se isso não bastasse, é fonte de inspiração para páginas nobres da literatura brasileira, entre elas, "O buriti perdido", de Afonso Arinos (1981), um poema em prosa é o "Buriti", de Guimarães Rosa. São inúmeros os topônimos de lugarejos, cidades, córregos e rios, desde o Estado de São Paulo até o Piauí e Maranhão relativos a esse vegetal. Só em Minas Gerais, duas cidades o homenageiam: Buritizeiro e Buritis.

A lista de obras técnico-científicas relacionadas às veredas cresce no ritmo do reconhecimento da sua importância ambiental, paisagística e cultural. De breves descrições, uma feita pelo IBGE (1970), **Tipos e aspectos do Brasil**, e outra por Romariz (1974), **Aspectos da vegetação do Brasil**, passando por monografias de graduação (MELO, 1978), dispõe-se atualmente até de teses de doutorado e, mais recentemente, um belo documentário fotográfico, **Vereda berço das águas** (BOA-VENTURA, 2007).

Sugestão para uma viagem até os “gerais”

Sugere-se ao interessado em comprovar a habilidade e fidelidade descritiva de Guimarães Rosa e em fazer o itinerário da aventura de Pedro Orósio e dos viajantes, dos quais ele foi o guia, sobretudo àquele leitor pouco enfronhado com as formas cársticas e com a geografia do centro e noroeste de Minas Gerais, o seguinte roteiro a partir de Belo Horizonte (veja o mapa: “Roteiro de ‘O recado do Morro’”): para se chegar a Cordisburgo, usar a MG 424, que passa por Pedro Leopoldo, Matozinhos e Sete Lagoas. Nesse percurso, vêem-se inúmeros afloramentos de calcário. Outra opção é via Lagoa Santa, Sumidouro e Fidalgo, pela MG 010. Logo após essa última localidade e antes da cidade de Pedro Leopoldo, observa-se, à direita, o imponente maciço da Gruta do Baú, tal como descrito na página 12 de “O recado do Morro”, embora essa descrição não esteja dirigida a um lugar particular. Da Gruta do Maquiné para a cidade de Curvelo, após a passagem obrigatória por Cordisburgo, o viajante pode optar pela estrada de terra, em boas condições de tráfego e mais curta – são cerca de 33 km. Aproximadamente 30 km depois de Curvelo, pela BR 135, chega-se ao entroncamento da rodovia que leva à Morro da Garça, próximo da qual ergue-se o morro homônimo, visto desde a rodovia federal. Da cidade ao Morro, além da proximidade, o acesso é fácil. A subida ao topo, embora cansativa por ser ainda feita a pé, compensa o esforço físico pela vista panorâmica que oferece. Após retornar à BR 135, toma-se, 18 km depois, a MG 496 para Pirapora. Esse percurso completo pode ser feito em um dia. A visita à Gruta do Maquiné e a subida no Morro, entretanto, demandam pelo menos quatro horas, o que reduz o tempo para outras atividades.

No dia seguinte, saindo de Pirapora e tomando-se a BR 365, rumo à BR 040, passa-se sobre a ponte do rio São Francisco e, a poucos quilômetros, sobe-se gradualmente o Chapadão dos Gerais, cujo prolongamento para o sul é visível de vários pontos. A travessia é longa e, atualmente, grande parte do cerrado foi substituída por *Eucalyptus* e *Pinus*. Ainda nessa superfície aplainada, começam a ser vistas veredas de topo e das bordas com os indefectíveis buritis.

O bom observador verá, ainda, morros isolados, próximos às chapadas, que

constituíam, no passado, uma mesma e única superfície, com altitudes semelhantes – são os morros testemunhas, de dimensões variadas –, resultado da ação dos processos erosivos. A BR 365 corta a BR 040 a 100 km de Pirapora. A volta a Belo Horizonte, por esse roteiro (via BR 040), possibilita uma parada na Barragem de Três Marias, onde se come um bom peixe de água doce.

Em lugar de uma conclusão, uma nota. A análise das descrições do tempo meteorológico e de outros elementos da paisagem tão ricas em toda a literatura de Guimarães Rosa, particularmente nessa obra, não caberia em um artigo já longo demais. Ela fica para outra oportunidade.

ABSTRACT

This article attempts to describe the scenery of the geographical space where the plot of Guimarães Rosa's short story "O recado do Morro" ("The message from the Hill") takes place. It focuses on three remarkable landscapes described during the journey of a 'naturalist', as that of so many others who really traveled across Minas Gerais in the 19th century: the karst in the neighborhood of Cordisburgo, a small town in Minas Gerais; a solitary hill – Morro da Garça – in the geographic center of the State; the wide plain surfaces intersected by large depressions, formerly covered with savanna (*cerrados*), riparian forest (*veredas*) and *Palmae*, *Mauritia vinifera* (*buritis*), nowadays mostly with *Eucaliptus*, *Pinus* and soybean, in the vast northwest of Minas Gerais. Those landscapes, faithfully described by Rosa in literary language, are re-presented in a way between common sense and scientific description. Finally, a suggestion is made for those who desire to follow the route of the tale, and thus associate the Geography of Minas Gerais to literature, and vice versa.

Key words: Gerais; Riparian forest (*veredas*); Morro da Garça; Karst; Brazilian literature; Landscape.

Referências

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. A organização natural das paisagens inter e subtropicais brasileiras. In: FERRI, Mário Guimarães. (Org.). **III Simpósio sobre o cerrado**. São Paulo: Edgard Blücher/Edusp, 1971. p. 1-14.
- AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ARINOS, Afonso. **Pelo sertão**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- ARINOS, Afonso. **Os jagunços**. 3. ed. Brasília: Philobiblion/Pró-Memória, 1985.
- BOAVENTURA, Ricardo Soares. Preservação das veredas: síntese. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO RELAÇÃO SER HUMANO-AMBIENTE, 2., 1988, Belo

Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Fumec, 1988. p. 109-118.

BOAVENTURA, Ricardo Soares (Coord.). **Vereda berço das águas**. Belo Horizonte: Ecodinâmica, 2007.

FERRI, Mário Guimarães (Org.). **Simpósio sobre o cerrado**. São Paulo: Edgard Blücher/Edusp, 1971.

FERRI, Mário Guimarães. **Vegetação brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1980.

KOHLER, Heinz Charles. Geomorfologia cárstica. In: GUERRA, Antônio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da (Org.). **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. Cap. 7. p. 309-334.

IBGE. **Tipos e aspectos do Brasil**. 9. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1970. p. 453-455.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: Edusp, 2001.

MELO, Dirce Ribeiro. **Contribuição ao estudo geomorfológico de veredas: região de Pirapora, MG**. 1978. Monografia (Graduação em Geografia) – Instituto de Geociências da UFMG, Belo Horizonte, 1978.

MELO, Dirce Ribeiro. **As veredas nos planaltos do noroeste mineiro: caracterizações pedológicas e os aspectos morfológicos e evolutivos**. 1992. 217 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 1992.

MOREIRA, Ceres Virgínia Renó. Veredas. In: DRUMMOND, Gláucia Moreira *et al.* (Org.). **Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação**. 2. ed. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 2005. p. 102-104.

RIZZINI, Carlos Toledo. Nota prévia sobre a divisão fitogeográfica (florístico-sociológica) do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro. v. 25. n. 1. jan./mar. 1963. p. 3-64.

RIZZINI, Carlos Toledo. **Tratado de fitogeografia do Brasil**. 2 v. 2. ed. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1997.

RODRIGUES, Bruno Durão. **Análise fitossociológica das cactáceas do afloramento calcário da Gruta da Lapinha (Lagoa Santa –MG) e sua relação com a Teoria dos Refúgios de Ab'Saber**. 2007. Monografia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

ROMARIZ, Dora de Amarante. **Aspectos da vegetação do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1974.

ROSA, João Guimarães. **No Urubuquaquá, no Pinhém**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ROSA, João Guimarães. **Noites do sertão**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SAINT-HILAIRE, Auguste. Quadro da vegetação primitiva da Província de Minas Gerais. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro. v. 6. n. 71. p. 1277-1291.

ROTEIRO DE "O RECADO DO MORRO"

